

CONFIGURAÇÕES DA MODERNIDADE EM AUGUSTO DOS ANJOS

CONFIGURATIONS OF MODERNITY ON AUGUSTO DOS ANJOS

FERREIRA, Rejane de Souza

Resumo: O presente texto visa apresentar o caráter inovador e moderno da poesia de Augusto dos Anjos e entender a importância desse poeta, tão lembrado por sua linguagem escatológica, na Literatura Brasileira. Para isso, tentamos entender, primeiramente, o conceito de modernidade e a relação do eu-lírico de sua poesia com o mundo universal e vice-versa, para depois apresentarmos a análise do poema “Versos Íntimos”. Este trabalho se embasa nas idéias de Anatol Rosenfeld, Otávio Paz e Eric Auerbach, entre outros, sem ignorar a pesquisa crítica de Nara Marley Aléssio Rubert.

Palavras-chave: Poesia. Modernidade. Individualidade. Sociedade

Abstract: This paper aims to present the innovator and modern feature from Augusto dos Anjos’ poetry and to understand the importance of this poet, so remembered for his eschatological language, in Brazilian Literature. For this, we tried to understand, firstly, the modernity concept and the I-lyric relation to the universal world and vice versa, and then to present the analysis of the poem “Intimate Verses”. This paper bases on the ideas of Anatol Rosenfeld, Otávio Paz and Eric Auerbach, among others, without underestimating Nara Marley Aléssio Rubert’s critical research.

Keywords: Poetry. Modernity. Individuality. Society

INTRODUÇÃO

“Ao ler-se os poemas de Augusto dos Anjos, o que de imediato chama a atenção é naturalmente a sedução dir-se-ia erótica que sobre ele exercem os termos científicos”. É o modo como inicia a crítica de Anatol Rosenfeld (1996, p. 263) sobre o poeta brasileiro referido. E de fato, não há como se negar a essa afirmação. Mas, além da linguagem chocante do poeta, o que mais terá contribuído para a importância de Augusto dos Anjos na Literatura Brasileira? O que o configura como um autor moderno? Quais são suas relações com o mundo e como o mundo é representado em suas poesias? É as respostas dessas e outras perguntas que pretendemos responder ao longo desse texto.

Iniciemos, pois, com a conceituação do termo modernidade. Octávio Paz (1993), ao tentar esclarecer o que se entende por moderno aponta a dificuldade dessa tarefa, visto que esse conceito é muito mais relativo que absoluto e justifica que “existem tantas modernidades e antiguidades como épocas e sociedades” uma vez que o que se configura como moderno hoje se torna antigo amanhã:

Um asteca era moderno diante de um olmeca e Alexandre diante de Amenófis IV. A poesia ‘modernista’ de Dário era uma coisa antiga para os ultraístas e o Futurismo hoje nos parece, mais que uma estética, uma relíquia. A Idade Moderna não tardará em ser a Antiguidade de amanhã.

Mas, por agora, temos que nos resignar e aceitar que vivemos na Idade Moderna, conscientes de que se trata de uma designação equivocada e provisória (Paz, 1993, p. 33-34).

Diante desse impasse, a maioria dos estudiosos se inclina a considerar o marco inicial da modernidade o século XVIII, em função das várias mudanças sócio-políticas culturais que se culminaram naquele século, por exemplo, a Revolução Industrial, a Revolução Francesa, a independência das Américas dos domínios da Inglaterra, da Espanha e de Portugal dentre outros acontecimentos que aconteceram em prol de ideais críticos da situação vigente e da utopia de uma situação melhor no futuro.

Assim, o moderno torna-se aquilo que é diretamente oposto ao clássico que ditou seus valores comportamentais, políticos, filosóficos e literários desde a Antiguidade até a Idade Média. Por isso, na Literatura, a modernidade surge junto ao Romantismo que é a primeira escola literária a romper com a imitação classicista. Neste caso, convém apresentar o que se entende por clássico, para que a oposição entre clássico e moderno fique realmente clara.

Anatol Rosenfeld e Jacó Guinsburg (1993) explicam a origem do termo que em latim *classis* significa “frota” e se refere aos *classicis*, homens ricos que pagavam impostos pela frota, de modo que o *classicus* era o escritor que escrevia para essa categoria mais afortunada da sociedade. Posteriormente, o termo sofreu alterações e a abrangência de seu significado se alargou. Um escritor clássico passou a ser aquele digno de se estudar nas classes das escolas e uma obra clássica, não apenas as dignas de uma sala de aula, mas, principalmente, as indispensáveis em uma biblioteca. Outro significado que se impôs, ainda ligado a esse último, foi a referência de uma obra artística e cultural, seja ela literária ou não, que alcança “grande florescimento, ou então seu apogeu”. Por fim, tem-se a definição que nos faz considerar o Clássico oposto ao Romântico. Entende-se como Clássico ou Classicismo o estilo de obras que correspondem aos preceitos modelares derivados da arte grega e latina. Essa codificação está mais intensa durante o período Renascentista. Desse modo, “se se levar em conta que até o Barroco nutriu pelo menos intenções classicizantes, só com o Romantismo se estruturou um movimento que se atreveu a retpar abertamente e em seus fundamentos a perspectiva instaurada pela Renascença. Tudo mais foi moldado e remoldado segundo a visão clássica” (Rosenfeld e Guinsburg, 1993, p. 262).

Com a queda da sociedade estratificada e o surgimento de novas classes sociais, já não fazia mais sentido os mitos contados pelas epopéias para servirem de exemplos a serem seguidos. A partir daí todas as escolas literárias a exceção do Parnasianismo que propõe o

retorno a Antiguidade Clássica, todas as outras escolas até a Literatura Contemporânea são, a sua maneira, modernas e dinâmicas por apresentarem formas e temáticas contra-sensuais a si mesmas. A esse respeito Paz (1993) sintetiza: “a relação ambígua do Romantismo com a tradição religiosa do Ocidente e com os movimentos revolucionários – afinidade e transgressão – também reaparece em quase todos os grandes poetas do nosso século. A poesia moderna, desde seu nascimento, tem sido simultânea afirmação e negação da modernidade” (Paz, 1993, p. 52).

Mas como foi dito, cada momento e, conseqüentemente, cada escola literária tem a sua própria representação do moderno e a existência de cada uma é marcada pela negação da anterior. De modo que o moderno que representa os séculos XVIII e XIX se distancia consideravelmente do moderno que representa o século XX e XXI. Paz (1993) considera o apogeu da modernidade presente no século XIX e sua crise presente desde o início do século XX, de modo que o termo crise é tão duradouro que chega a parecer desapropriado:

... pode-se chamar de Idade Moderna o ciclo que compreende o nascimento, o apogeu e a crise da modernidade; por sua vez, a última etapa, a da crise, pode-se chamar Idade Contemporânea. Apesar disso, sua duração – tem já cerca de um século – me faz duvidar que esse termo seja apropriado. [...] A palavra crise, sem ser inexata, desgastou-se de tão repetida. Enfim, qualquer que seja seu nome, o período que começa em princípios desde século se distingue dos outros pela incerteza diante dos valores e idéias que fundaram a modernidade (Paz, 1993, p. 39-40).

Frederick R. Karl (1985) também apresenta sua contribuição sobre o assunto:

Usam-se indiferentemente, com frequência, um pelo outro os termos vanguarda, moderno, modernismo e mesmo modernidade. Que nos seja permitido introduzir distinções. Como o próprio nome diz, a vanguarda é a linha de frente de qualquer espécie de modernismo. Num breve prazo, no entanto, a vanguarda corrompe-se e é assimilada a algo mais familiar, a que nós aplicamos o rótulo de *moderno*. Quando o moderno deixa de ser estranho, mas é mais ou menos associado com uma paisagem familiar, dizemos que é parte do *modernismo*, uma palavra ampla. (Karl 1985, p. 21 — grifos do autor).

É nesse contexto transgressor que se encontra o poeta Augusto dos Anjos, que de tanto transgredir e romper com as normas não consegue caber em uma única escola literária, já que apresenta características de várias delas: Romantismo, Simbolismo, Parnasianismo e Modernismo, além de sua proximidade com o Cientificismo e o Expressionismo alemão, de modo que alguns críticos, por essa razão, forçam-lhe o rótulo de Pré-modernista.

Sobre a posição do poeta na Literatura Brasileira, convém citar quem já fez o levantamento desse estudo. Nara Marley Aléssio Rubert (2007), a partir da análise da obra *Eu*, do poeta em estudo, e dos principais textos críticos sobre ele, antecipa logo no início de seu artigo, “O lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira”, que independentemente da escola literária usada para analisar a obra do poeta, a resposta será sempre parcial, por isso se propõe ao longo de seu texto mostrar as características de cada um dos diferentes momentos literários em diferentes poesias de Augusto dos Anjos. Feito isso e apresentado as classificações de Cavalcanti Proença, Manuel Bandeira, Andrade Murici, Oliveiros Litrento e tantos outros conclui que:

Augusto dos Anjos é um poeta controverso que não é irregular; é um autor inclassificável que não é um fora de seu tempo; Ele tem tantas faces que poderia ter ultrapassado várias décadas de leitura, estudo e produção e, no entanto, não passou do trigésimo primeiro aniversário. Ler Augusto é transitar do Romantismo ao Modernismo, passando por todas as correntes estéticas intermediárias. É um poeta que conseguiu colocar em verso, e em uma única obra, a essência de tendências as mais díspares, sem ser hermético nem incompreensível (Rubert, 2007, p. 9-10).

Cientes de que a poesia de Augusto dos Anjos não cabe em uma única classificação literária devido às diferentes configurações modernas presentes em sua poesia, resta-nos perceber esses elementos diretamente em seu trabalho. Apesar de sabido por todos que passaram pelo Ensino Médio nas escolas brasileiras, convém lembrar que o poeta foi autor de apenas um livro intitulado *Eu*, ao qual, posteriormente a sua morte, foram adicionadas outras poesias esparsas e publicado como *Eu e outras poesias*, como comumente encontramos a venda ou disponível nas bibliotecas e internet em diferentes edições. Aguçado nossa memória colegial sobre o poeta, exemplifiquemos a sua modernidade através da análise de “Versos Íntimos”, um dos poemas preferidos dos adolescentes:

VERSOS ÍNTIMOS

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija (Anjos, 1999, p.81)!

Se após a primeira leitura desse poema, refletirmos sobre o título, veremos de imediato que o poeta nos surpreende quando não abrange como íntimo o que nosso imaginário primevo espera. Sem conhecer o poema, apenas pelo seu título, a primeira ocorrência ao leitor será de que se trata de um poema amoroso ou até mesmo erótico, mas ao contrário disso, Augusto dos Anjos irá considerar como íntimo a solidão do eu-lírico num mundo pessimista em que apenas a Ingratidão se torna companheira de alguém. O poema impactante associado ao título familiar “Versos Íntimos” irradia tensões. E essa ironia é o primeiro marco moderno do poema que mescla o estilo baixo e o elevado ao tratar de maneira tão irônica um assunto tão subjetivo, como é a intimidade.

Depois disso, se olharmos para a estrutura do poema, perceberemos que se trata de um soneto com versos decassílabos. O soneto é por si só a forma perfeita da poesia e antes de Charles Baudelaire só era utilizado para se referir a temas elevados. Augusto dos Anjos, à maneira de Baudelaire, ousa colocar no soneto palavras baixas como “lama” e “escarro”. No entanto, não é o vocabulário, nem a estrofação ou a rima que formarão a marca de Augusto dos Anjos, segundo Cavalcanti Proença (1976), mas, principalmente, a musicalidade criada pelo ritmo de seus versos:

Mas, que vem a ser a marca de Augusto? [...] Não é a estrofação, nem mesmo a rima. Talvez seja um pouco, a predileção pelo decassílabo, mas, principalmente, o ritmo e os recursos de que se valeu para obter a musicalidade. [...] O uso de átonas sucessivas, além dos limites, por assim dizer, fisiológicos, da articulação dos vocábulos, deu-lhe essa capacidade de estruturar decassílabos apenas com dois substantivos. [...] Em Augusto dos Anjos, porém, esse aproveitamento de átonas sucessivas, esparso em outros poetas, cristaliza-se numa constante individual, *é predileção auditiva, um dos traços mais vivos do seu artesanato* (Proença, 1976, p. 90-91 – grifo nosso).

E no caso de “Versos Íntimos”, a musicalidade é marcada por versos heróicos e rimas abba baab ccd eed. Em seguida se analisarmos estrofe por estrofe, iremos notar que na primeira, o eu-lírico parece conversar com alguém quando diz “Vês” e usa o pronome “tua”, característica bastante moderna para a poesia que em seu momento clássico não permitia a

liberdade de se utilizar aspectos próprios da prosa ou do teatro em sua composição, como é o caso do diálogo. Esse alguém que “ouve” o eu-lírico é na verdade o seu próprio desdobramento em caráter reflexivo. Isso ao mesmo tempo em que dialoga com o título do livro, justifica-o. Quem é esse *EU*? Como ele se adéqua ao mundo? Através de “Versos Íntimos”, percebemos que esse *EU*, não representa apenas o poeta em estudo, nem o eu-lírico criado por ele, mas também, e principalmente, um eu universal que pode ser qualquer pessoa.

Em um contexto pré-guerra como o que se encontrava Augusto dos Anjos, não há espaço para perspectivas otimistas e nem companheirismo, por isso os sonhos que alguém pode ter são tidos depreciativamente como “quimera” e não desperta interesses alheios, não há público sequer para vê-los morrer a não ser a Ingratidão, o único sentimento capaz de existir nas pessoas e por isso é personalizado ao ser grafado com letra maiúscula no terceiro verso, o mesmo em que o compara a uma pantera, animal que no imaginário ocidental simboliza a maldade e a incontinência humana.

A segunda estrofe se inicia com um anti conforto, “Acostuma-te à lama que te espera!”, frente a essa situação que expõe ironicamente a humanidade, através do “Homem” grafado com letra maiúscula, na situação bestial de ser fera, agir por instinto. Continuando essa idéia, o primeiro terceto, apresenta de maneira bastante coloquial e também irônica o conformismo: “Toma um fósforo. Acende teu cigarro!”, como quem diz convicto da irremediabilidade do mundo, “acostume-se, nada pode ser feito”. E aqui vale lembrar que o coloquialismo é outro aspecto moderno presente na criação de Augusto dos Anjos.

Modernidade novamente reforçada pelo vocativo “amigo”, quando no verso seguinte o eu-lírico adverte que “o beijo é a véspera do escarro” e que “a mão que afaga é a mesma que apedreja”. Por fim, o último terceto reforça a ingratidão do mundo e ensina o interlocutor a reagir frente a alguma possível piedade alheia também de modo ingrato: “Apedreja essa mão vil que te afaga,/ Escarra nessa boca que te beija”! O que, mais uma vez, expõe a ironia do poeta ao mostrar sua aversão aos nobres valores humanos.

A desilusão de Augusto dos Anjos com o mundo, como se percebe em “Versos Íntimos” e em toda a produção do poeta, é comumente justificada pelo seu contexto histórico. O início do século XX foi marcado pelas teorias positivistas e evolucionistas e pelo aburguesamento, o progresso, a urbanidade e, sobretudo, o cosmopolitismo. Com tantas mudanças na ordem social vigente e uma guerra mundial prestes a ocorrer, a vida para o poeta perde-se no sem sentido e por isso a temática da morte é tão recorrente em seus versos, visto que ela é, para o poeta, a única herança e certeza da vida. Assim, também surge, em sua

poesia, a linguagem exótica e aparentemente anti lírica, formando o que Rosenfeld (1996) irá chamar de poesia sadomasoquista: “essa poesia sadomasoquista lança o desafio do radicalmente feio à face do pacato burguês, desmascarando, pela deformação hedionda, a superfície harmônica e açucarada de um mundo intimamente podre. Não só o ser humano, também a palavra e a metáfora tradicionais desintegram-se ante o impacto dessa poesia” (Rosenfeld, 1996, p. 265).

Com uma poesia formalmente trabalhada, como pudemos ver através do soneto apresentado, ao mesmo tempo, marcada por transgressões modernas, a produção de Augusto dos Anjos hoje tem um alcance popular não obtido em sua época, ao contrário, escandalizou totalmente os poetas parnasianos e só veio a ter algum reconhecimento através da divulgação feita pelos modernistas. A repugnância do primeiro grupo justifica-se pela identificação clássica característica do Parnasianismo e a simpatia do outro se justifica, naturalmente, pela aversão ao convencionalismo greco-latino próprio de todo movimento moderno.

A dificuldade de algumas pessoas em considerar o grotesco lírico, igualmente se deve a afinidade de cada um com esse tipo de produção, ou de maneira mais radical, como aponta Rosenfeld (1985), sobre a aceitação da arte moderna, a compreensão limitada do senso comum:

A dificuldade que boa parte do público encontra em adaptar-se a este tipo de pintura ou romance decorre da circunstância de a arte moderna negar o compromisso com este mundo empírico das “aparências”, isto é, com o mundo temporal e espacial posto como real e absoluto pelo realismo tradicional do senso comum. *Trata-se, antes de tudo, de um processo de desmascaramento do mundo epidérmico do senso comum* (Rosenfeld, 1985, p. 81 – grifo nosso).

Apesar da fala de Rosenfeld sobre a arte moderna ter contemplado especificamente apenas a pintura e o romance, entendemos que o mesmo se equivale para a lírica, visto que essa não é uma arte inferior as outras.

Por fim, encerramos esse texto, à maneira que Eric Auerbarch (2007) finalizou seu ensaio “As flores do mal e o sublime” sobre Baudelaire, pois entendemos que o que se aplica ao poeta francês em dimensão universal, cabe também ao nosso poeta brasileiro em dimensão nacional, por isso fica a paráfrase que se segue: *Eu*, “é um livro consubstancial ao seu autor”, para citar Montaigne. Paradigmático em relação ao seu contexto, deu a ele um novo estilo poético: uma mistura do baixo e do desprezível vocabular com o sublime estrutural, um uso simbólico do horror realista que não tem precedentes na Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto. **Eu e outras poesias**. Goiânia: Novo Tempo, 1999.

AUERBARCH, Eric. As flores do mal e o sublime. In: **Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica**. Org. David Arrigucci Jr. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2007.

GUINSBURG, Jacó (org). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KARL, Frederick R. **O moderno e o modernismo: a soberania do artista 1885-1925**. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1927.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: ROSENFELD, Anatol. **Texto e contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

_____. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: ROSENFELD, Anatol. *Texto Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

RUBERT, Nara M. A. O lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira. In: **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 03 N. 02 – jul/dez 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/download/5088/2903>> acesso em: 30/04/2012.